

MANIFESTAÇÕES DE AFETO ATRAVÉS DA TECNOPOESIA EM TEMPOS DE RELACIONAMENTOS VIRTUAIS E IDENTIDADES PULVERIZADAS

MANIFESTATIONS OF AFFECTION THROUGH TECHNO-POETRY IN TIMES OF VIRTUAL RELATIONSHIPS & PULVERIZED IDENTITIES

Geraldo da Aparecida Ferreira

Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: A evolução tecnológica tem trazido enormes benefícios para a humanidade. Com ela, vieram as transformações nos mais diversos aspectos das nossas vidas, incluindo a forma de nos relacionarmos com as pessoas. Pretendemos com este artigo, apresentar o modo como as relações afetivas têm sido representadas através da contemporânea tecnopoesia. Em um contexto de dilaceramento das identidades, de supervalorização das conquistas pessoais e que tudo pode ser encarado como mercadoria, desejamos explorar algumas imagens poéticas que se utilizam das tecnologias digitais e que abordem o tema do afeto.

Palavras-chave: afeto; mídias digitais; tecnopoesia.

Abstract: The technological evolution has brought enormous benefits and transformations to mankind in the most diverse aspects of our lives, including how we relate to people. With this article we intend to present the way the affective relations have been represented through the contemporary techno-poetry. In a context of tearing apart identities, of an overvaluation of personal achievements and how everything can be seen as product, we wish to explore some poetic images that use digital technologies and approach the theme of affection.

Keywords: Affect; digital media; techno-poetry.



Figura 1¹

As relações humanas e, em destaque, a comunicação entre pessoas, têm passado por radicais transformações na contemporaneidade, após o advento da tecnologia, especificamente das mídias digitais. Para os saudosistas, uma conversa como a que foi reproduzida na imagem 1, epígrafe desse nosso texto, soa como um sacrilégio. Abdicar do contato direto, *tête-à-tête*, do calor humano, pode causar certo desconforto em algumas pessoas, principalmente aos que, por motivos diversos, ainda não aderiram a essas tecnologias. Pierre Nora relaciona alguns acontecimentos históricos marcantes que contribuíram para as intensas transformações e as consequências advindas de tais mudanças:

Fim da Guerra Fria, desagregação do bloco soviético, queda do Muro, surgimento da Ásia... viu-se um número considerável de rupturas. Quais são os temas fundamentais que emergiram durante esses trinta anos? Isolamos cinco grandes: a intensificação do individualismo, a volta das religiões, a consciência ecológica, o avanço poderoso da pesquisa científica, a irrupção das redes informacionais.²

¹ Disponível em: https://chungkhoan.site/amor-incompleto_Ciro9Wj9lpZpc.html. Acesso em: 19/08/2018.

² PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 48.

Entretanto, gostando ou não, estamos diante de uma revolução, como aponta Nora na citação acima, que engloba todas as instâncias de nossas vidas e, independente de nossa aprovação, é algo que tem trazido e ainda trará alterações substanciais na forma como vivemos e nos relacionamos, seja no âmbito profissional ou pessoal. Por hora, optamos por um recorte na temática, apresentando, a seguir, considerações acerca de relações afetivas na era digital.

Etimologicamente, a palavra afeto teria suas raízes no vocábulo grego “afecção”, também sendo encontrada, com variações, em outros idiomas como *affezione* (italiano), *affection* no inglês ou *affection* (no francês). Se buscarmos a origem do termo afeto no latim, chegaríamos a um significado próximo à paixão (*passio*). No presente texto, consideraremos afeto como paixão, como aquilo que nos toca profundamente, provocando as mais diferentes reações, na tentativa de conquistar, de seduzir o objeto de nosso afeto.

A partir dessas considerações iniciais, discutiremos as formas com que as relações de afeto se estabelecem dentro desse quadro de profundas transformações a que nos referimos. Utilizaremos, para isso, uma vertente de produção poética centralizada nesse contexto recheado de tecnologias vivido atualmente, a chamada tecnopoesia. Entretanto, entendemos fazer-se necessária uma breve abordagem acerca das relações intersemióticas entre a literatura e os meios eletrônicos.

Um teórico que gostaríamos de trazer para o debate é Dick Higgins e a intermedialidade. Higgins analisou as relações, quase sempre tumultuosas, surgidas entre as formas de arte que realizavam este entrelaçamento de criações. Para ele, a partir dos anos 1960, essas relações se intensificaram e passaram a abarcar diversos campos disciplinares, tais como pintura e teatro, desenho e poesia, arte performática, poesia visual, entre outros. Higgins, ao relacionar a tecnopoesia dentre os campos disciplinares em que ocorre a chamada intermedialidade, sedimenta nosso desejo de abordar essa modalidade de poesia para tratarmos do afeto na contemporaneidade.³

³ HIGGINS, 1984, p.136-138.

Apesar de não ser nosso objetivo nessas reflexões abordar questões relativas à poesia concreta – isso se dará em outro artigo –, é importante lembrar que o movimento concretista está intimamente ligado à criação de novos campos de expressão poética. A esse respeito, gostaríamos de registrar um posicionamento de Jorge Bacelar, em seu texto “Poesia visual”:

Nas décadas de 1950 e 1960, os textos teóricos dos membros da Poesia Concreta e dos Letristas, acrescentaram à já longa lista de manifestos existentes alguns argumentos em defesa do potencial da poesia visual, em movimentações paralelas às da Pop Art e da arte conceptual, igualmente interessadas na linguagem como recurso artístico. As transformações na produção e reprodução, ao longo do século XX, iam tornando os meios necessários para a experimentação cada vez mais acessíveis. Composição manual (*hot type*), composição mecânica (*coldtype*), letras transferíveis, fotocomposição e manipulação fotográfica e, finalmente, o fenômeno da edição em computadores pessoais (*desktop publishing*), existem paralela e complementarmente aos meios tradicionais (e com os novos) para o desenho, pintura e design gráfico. Páginas animadas, holografia e apresentações virtuais de cenários e paisagens ‘tridimensionais’, tudo isto faz agora parte do vocabulário artístico que configura a linguagem numa forma visível⁴.

Nesse breve histórico do desenvolvimento da expressão poética ao longo dos tempos – partindo do Concretismo, passando pela poesia visual e chegando a uma expressiva gama de possibilidades de manifestação – Bacelar tece considerações sobre a criação de um “léxico” artístico, baseado numa linguagem com aspecto visível.

A moderna relação intermediática – como quer Higgins; produto de um processo de desenvolvimento tecnológico, como pleiteia Bacelar – entre a criação poética e a parafernália eletrônica é bem definida por Jorge Luiz Antônio:

⁴ BACELAR, 2001, p. 23.

Dossiê Literatura e Afeto

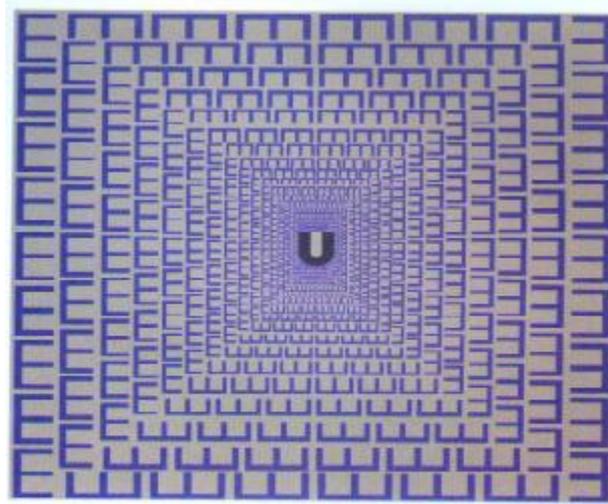
v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

Poesia e computador realizam um ato semiótico, em que a primeira é a representante de uma tradição da arte da palavra, e o segundo, um aparelho eletrônico/uma máquina programável que estoca e recupera dados e executa operações lógicas e matemáticas numa grande velocidade, mas que também oferece possibilidades de mediação, intervenção e transmutação, produzindo signos, significações. A semiose é o resultado desse "encontro", e as significações que poesia e tecnologia computacional produzem é o que denominamos de tecnopoesia, com o objetivo de firmar a ideia de que é a poesia que produz significados e não a tecnologia computacional em si mesma, como se costuma pensar quando se fala no assunto. Embora seja feita com o auxílio de uma máquina, a tecnopoesia não é uma poesia maquínica, mas sim uma atitude reflexiva, uma manifestação a respeito da tecnologia computacional, sob o ponto de vista do poeta.⁵

Diante da grande quantidade de termos referentes à poesia que utiliza as ferramentas tecnológicas em seu processo criativo – infopoesia, poesia interativa, poesia digital ou eletrônica, poesia hipermídia – optamos pelo conceito de tecnopoesia, apresentado por Antônio. Dessa relação palavra/máquina surgiria uma moderna produção, saída de pessoas que dominam a ferramenta e possuem a sensibilidade necessária para a confecção das obras.

Nesse contexto, surgem, para nós, alguns questionamentos que se referem a um conceito, digamos “espinhoso”: a identidade. Quem expressará os sentimentos humanos através dessa moderna linguagem? Sobre quem estará falando essa produção poética? Façamos uma breve alusão ao tema.

⁵ ANTÔNIO, 2008, p. 25.



umbigo

Figura 2⁶

Não é de hoje que definir o conceito de identidade tem se tornado uma árdua tarefa. A perda do *sentido de si*, estável como sujeito integrado, vem ocasionando o deslocamento e a descentralização do indivíduo. Conseqüentemente, na contemporaneidade, notamos uma mudança significativa nos conceitos de identidade e subjetividade. Argumenta-se, nesse sentido, que, desde a virada do século XIX, o ser humano vem assistindo ao lento processo de fragmentação e fragilização de sua subjetividade, de que é o sujeito de si mesmo e de sua história. Como resultado dessas transformações, assistimos ao descentramento das chamadas identidades modernas, pois o sujeito deixa de ser visto como uno e homogêneo, passando a ser plural e heterogêneo.

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, inicia a discussão sobre a identidade, fazendo distinção entre três tipos de sujeito: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Na primeira concepção, teríamos um sujeito centrado, unificado. O sujeito sociológico já começava a refletir as transformações que o mundo moderno trazia, tornando

⁶ Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/avelino_araujo.html. Acesso em: 19/08/2018.

aquele ser dependente das relações com o outro para ter a consciência de si. Não existia mais o sentimento de autonomia e autossuficiência que se detectava no primeiro tipo citado. A aceleração das transformações que o mundo vinha sofrendo levou o homem à terceira concepção de identidade: a do sujeito pós-moderno. Tal sujeito não teria uma identidade fixa:

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.⁷

Hall faz ainda um levantamento sobre os grandes avanços nas ciências sociais e humanas que podem ser consideradas como importantes rupturas, responsáveis pela aceleração da fragmentação do sujeito, do seu descentramento: o marxismo, a teoria do inconsciente de Freud, a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, os estudos de Michel Foucault e o impacto dos ideais feministas.⁸ Hall cita, também, a globalização como outro aspecto importante nesse processo de fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno, mas não tem subsídios para definir quais seus efeitos definitivos. Todavia, ressalta que, intimamente ligado à globalização, têm ressurgido algumas formas de nacionalismo a partir do final do século XX.⁹

Diante desse quadro, Hall conclui que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”,¹⁰ pois o homem pós-moderno é colocado frente a frente com diversas possibilidades de identificação, com as quais aquele homem pode se ajustar, mesmo que por algum período.

⁷ HALL, 2006, p. 12-13.

⁸ HALL, 2006, p. 34-46.

⁹ HALL, 2006, p. 91-97.

¹⁰ HALL, 2006, p.13.

Ao sermos colocados diante de variadas possibilidades que se alternam o tempo todo, chegar a um denominador comum torna-se cada vez mais distante. Um reconhecimento identitário definitivo é praticamente impossível na atualidade, por isso optamos utilizar no presente artigo o termo “identidades pulverizadas”. Reconhecendo a delicada situação, selecionamos a imagem 2 para representar essa busca por um caminho que nos leve a um conceito de identidade. As relações que se estabelecem nas mídias sociais parecem fazer parte dessa tentativa. A quantidade de seguidores que uma pessoa possui, a quantidade de *likes* alcançados a cada publicação, o número de participantes em cada grupo de *WhatsApp* parece-nos ser um itinerário de busca de identificação. Dessa forma, não nos parece absurdo afirmar que nunca estivemos tão fragmentados, tão fragilizados na questão identitária como agora.

O poeta potiguar Avelino de Araújo, autor da imagem 2, ao colocar o “eu” no final de uma busca labiríntica, representa, de forma muito direta, isso a que estamos nos referindo. Não há clareza sobre onde estamos e muito menos para onde estamos indo, vivendo um paradoxo entre a constante procura, por outro lado, com poucas perspectivas de sucesso. Interessante observar, também, o título da tecnopoesia “UMBIGO”, que remete ao fato de estarmos sempre voltados para nossas vontades, nossos interesses.

Observando a figura 2 sob esse enfoque, poderíamos dizer que ela corrobora uma proposição de Zygmunt Bauman que, em *Amor Líquido*, minimaliza o papel das redes sociais na eliminação das condições para o que ele chama de “engajamento *full-time*”:

A responsabilidade por eliminar essas condições não pode ser atribuída à porta virtual do namoro eletrônico. Muito mais tem acontecido no caminho em direção à líquida e individualizada sociedade moderna para tornar os compromissos de longo prazo pouco numerosos, o engajamento a longo prazo uma rara expectativa e a obrigação de assistência mútua incondicional uma perspectiva que nem é realista nem percebida como digna de grandes esforços.¹¹

¹¹ BAUMAN, 2004, p. 87.

Bauman argumenta que, apesar de ter contribuído para as alterações do modo como as pessoas se relacionam, os meios de comunicação virtuais estariam sendo supervalorizados nesse quesito. O que mudou, na opinião do filósofo, foi a nossa forma de encarar a vida. As relações sociais desenvolvidas na contemporaneidade teriam se tornado volúveis, hedonistas, “comerciais”, por fim, relações líquidas.

O estudioso nos aclara sobre a dificuldade e sobre a falta de interesse em estabelecermos relacionamentos estáveis, concretos. A necessidade de se tornar um “vencedor” tem levado as pessoas a se interessarem apenas por aquilo que possa trazer satisfação imediata com baixo investimento. Ao colocar as relações emocionais num mesmo nível – e até inferior – das relações comerciais, Bauman revela um quadro desolador para as manifestações de afeto. Essa liquidez das relações eliminaria – ou pelo menos mitigariam – o desejo dos relacionamentos duradouros que exigem dedicação, investimento de atenção e, principalmente, de tempo, artigo raro nos dias atuais.¹²

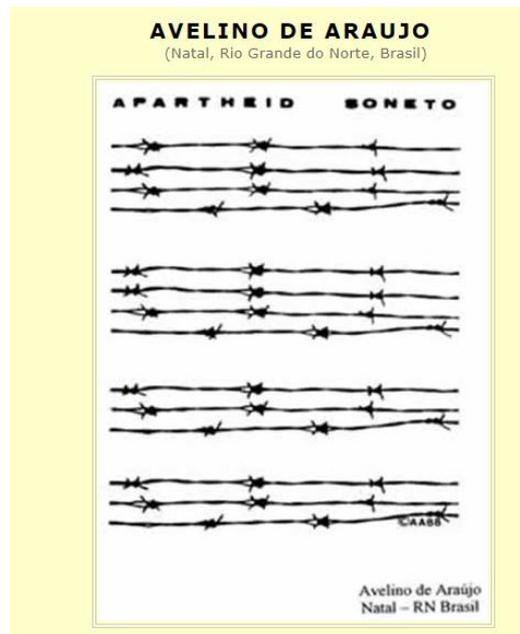


Figura 3¹³

¹² BAUMAN, 2004, p. 56-66.

¹³ Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/avelino_araujo.html. Acesso em: 20/08/2018.

Nessa figura 3, o já citado Avelino de Araújo utiliza-se do conhecido esquema formal do soneto e, em vez de versos, preenche as linhas com fios de arame, dispostos como em uma cerca. Associando a imagem ao título – “Apartheid Soneto” –, somos levados a estabelecer ligação direta com o antigo regime de segregação racial que existiu na África do Sul. A representatividade da imagem é cristalina, e essa é uma das principais características desse tipo de produção. A imagem causa grande impacto e produz no leitor uma reação imediata. O sentido, na maioria das vezes, salta aos olhos. Entretanto, como também ocorre com a poesia, digamos, tradicional, existem outras leituras que podem extrapolar o sentido imediato.

O poeta, optando pela não utilização de palavras, deixa que extravasemos a impressão inicial, possibilitando-nos analisá-la na perspectiva da situação atual. Nessa abordagem, transmite-nos a ideia de isolamento e de distanciamento que nos é muito cara para o presente texto. Num momento em que a individualidade, o egoísmo, o desejo de ascensão a qualquer custo, em que o outro deve ser descartado em nome de “vitórias” pessoais, a imagem criada é bastante emblemática. Cada um no seu espaço, protegido por “cercas” virtuais ou concretas (muros, condomínios, etc.), fazendo questão de manter distância segura dos demais. Se, por acaso, for necessário falar de sentimentos, isso será por detrás dessa cerca, de forma “segura”, sem correr os riscos que o relacionamento real implica.

Luís Carlos Restrepo resume bem esse cenário como sendo o analfabetismo afetivo, na tentativa de definir o momento em que vivemos. Segundo o autor, “Padecemos de um analfabetismo afetivo que dificulta compreender as raízes de nosso sofrimento”.¹⁴ Estaríamos então, todos, fazendo parte deste grande grupo de analfabetos afetivos? Ou como comenta Bauman – ao citar Catherine Jarvie – estaríamos optando definitivamente pelas chamadas “relações de bolso”:

¹⁴ RESTREPO, 1998, p. 20.

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

Uma relação de bolso bem-sucedida, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce *porque* tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior. De fato, você não precisa fazer nada para aproveitá-la. Uma “relação de bolso” é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade.¹⁵

Se o momento é de transformações alucinantes, se estamos fragilizados em nossa relação a uma identificação pessoal, se buscamos conscientemente nos isolar das relações “reais”, se o egoísmo selvagem orienta os contatos sociais, se estamos nos tornando analfabetos afetivos, adotando as cômodas “relações de bolso” como regra, seria o fim das relações afetuosas, o amor como o conhecíamos (ou pensávamos conhecer) estaria vivendo seus estertores?

Os otimistas preferirão acreditar que não.

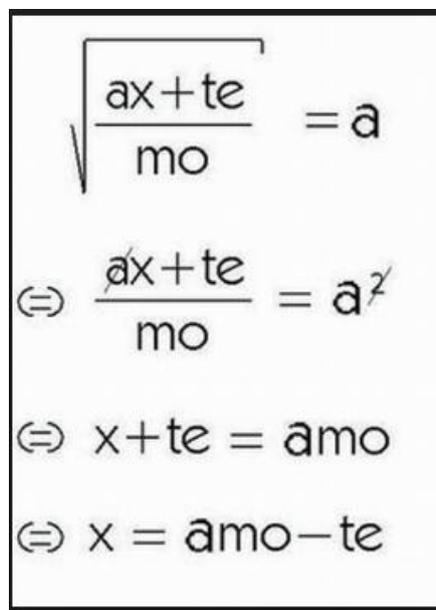

$$\begin{aligned} \sqrt{\frac{ax+te}{mo}} &= a \\ \Leftrightarrow \frac{ax+te}{mo} &= a^2 \\ \Leftrightarrow x+te &= amo \\ \Leftrightarrow x &= amo - te \end{aligned}$$

Figura 4¹⁶

¹⁵ BAUMAN, 2004, p. 37.

¹⁶ Disponível em: <http://psiucheguei.no.comunidades.net/imagens/uu.png>. Acesso em: 20/08/2018.

O ser humano tem, dentre suas maiores qualidades, a capacidade de se reinventar. Quando em condição que coloque em risco a continuidade de sua vida, ele encontra uma saída, ele se adapta, busca ressignificar-se. É pensando nisso que propomos a leitura da figura 4. A matemática que assusta a tantos, pode representar a profusão de componentes eletrônicos, *games*, aplicativos, bytes, 3G, 4G, *WhatsApp*, *Facebook*, *Tinder*, *Instagram* e muitos outros termos e aplicativos com os quais convivemos diariamente. Assim como numa fórmula matemática, aparentemente de difícil solução, pode, ao final, se mostrar simples e com resultado surpreendente e bastante importante. O amor é o resultado final da resolução dessa curiosa equação.

Observando-se a variedade das criações artísticas a que assistimos na atualidade, essas têm apresentado, em sua maioria, situações de isolamento, de distanciamento. A arte, enquanto representação da subjetividade nos diz muito sobre isso. Eis o sujeito de identidade volátil, pulverizada em meio a relações líquidas e de bolso, multifacetado e perdido em si mesmo, quando, sem conseguir olhar adiante e se (re)conhecer, passa a viver uma realidade que ele criou ao redor do próprio umbigo, baseada em suas experiências e desejos, enxerga, nas telas frias onde ele acessa as mídias, possibilidades de buscar uma identidade e a tecnopoesia é uma dessas tentativas.

Foi o que tentamos evidenciar nesse nosso texto, ao abordarmos essa modalidade de poesia. Entretanto, é possível, ainda com um pouco de esforço, encontrar algumas manifestações que “remam contra a maré”.

O afeto, que vem sofrendo frequentes ataques da imbecilidade humana, ainda dá sinais de vida em algumas manifestações em expressões poéticas visuais, músicas, filmes, pinturas, romances, novelas, dentre outros. Se considerarmos como válida a proposição de Bauman acerca da relativização da influência das mídias digitais na corrosão das relações sociais mais tradicionais e creditarmos este fato – como também quer o filósofo polonês – à mudança de comportamento do ser humano, poderíamos nos aliar aos otimistas.

As transformações tecnológicas e a evolução do modelo de comunicação virtual são algo que têm que ser encarado como irreversível, caso

não ocorra fato absolutamente inesperado, em ritmo cada vez mais acelerado. Contra isso, não há como lutar. Poderíamos pensar, ainda engajados à linha otimista de raciocínio, em uma grande revolução do pensamento humano. Acreditamos poder imaginar que, em algum momento, descobriremos que o afeto, as relações amorosas duradouras, o convívio direto nos é muito importante. Caso isso ocorra, talvez descubramos maneiras mais “calorosas” de utilizarmos as ferramentas digitais para fortalecermos o afeto nosso de cada dia.



Figura 5¹⁷

Referências

ANTÔNIO, Jorge Luiz. **Poesia eletrônica**: negociações com os processos digitais. São Paulo: Editora Veredas e Cenários, 2008.

BACELAR, Jorge. **Poesia Visual**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2001.

¹⁷ Disponível em: http://www.gifsemensagens.com.br/amor_virtual/1.htm. Acesso em: 20/08/2018.



Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

HIGGINS, Dick. **Horizons**. The Poetics and Theory of the Intermedia. Carbondalle; Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1984.

NORA, Pierre. Entrevista em **Le Nouvel Observateur**, n. 2376, p. 32, 20 de maio 2010. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RESTREPO, Luís Carlos. *O direito à ternura*. Trad. Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 1998.

Geraldo da Aparecida Ferreira é graduado em Letras-Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em 2002. Mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), em 2007. Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2013. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: drama de atualidade, crítica social, crítica literária e teoria da literatura. Possui ainda experiência com processos de educação a distância, trabalhando junto a UAB- Unimontes. Atualmente, trabalha como Professor de Ensino Superior na Universidade Estadual de Montes Claros.